

PAISAGEM DA CULTURA DA VINHA DA ILHA DO PICO

MANUEL PAULINO DA COSTA*

Resumo: A inscrição da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico na lista do Património Mundial da UNESCO, em 2004, é o reconhecimento internacional que se trata de uma paisagem singular, refletindo uma versão única da atividade vitivinícola, numa pequena ilha vulcânica e a sua evolução desde a chegada dos primeiros povoadores no século XV.

A área classificada como Património Mundial, abrange uma área de 987 ha, envolvida por uma zona tampão de 1.924 ha, compreendendo a costa norte e oeste da Ilha e, integra simultaneamente, a rede de áreas protegidas do parque natural do pico, na categoria de paisagem protegida. A sua singularidade decorre do elemento fundamental que a compõe: o reticulado de muros construídos para abrigar a planta de vinha do vento e do rossio, a única cultura possível de subsistir num solo improdutivo.

Palavras-chave: Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – singularidade, evolução e gestão; Área classificada como Património Mundial (2004); Parque natural do Pico, paisagem protegida; Plano de Ordenamento da Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico.

Abstract: The inscription of the Cultural Landscape of the Pico Island Vineyards in the UNESCO World Heritage list in 2004, is the international recognition that this is a unique landscape, reflecting a unique version of the wine activity in a small volcanic island, and its evolution since the arrival of the first settlers in the fifteenth century.

* Direção Regional do Ambiente/Parque Natural do Pico. Lajido de Santa Luzia, 9940-108 São Roque do Pico.

The World Heritage area, covers 987 ha, surrounded by a buffer zone of 1,924 ha, comprising a part of the northern and west coast of the island, which incorporate the protected area's network of Pico Natural Park, in the category of Protected Landscape.

Its uniqueness comes from a fundamental landscape element: the stone wall's network, built to protect the vineyards from wind and sea spray. The vineyards were the only culture who could subsist in this unproductive soil.

Keywords: Pico Island Vineyard Culture Landscape – uniqueness, evolution and management; World Heritage Classification (2004); Pico Natural Park, protected landscape; Protected Landscape Plan of the Pico Island Vineyard Culture.

ENQUADRAMENTO

O Arquipélago dos Açores, parte integrante de Portugal, goza de um estatuto que lhe confere autonomia política e administrativa, o que o caracteriza como Região Autónoma.

Está situado em pleno Atlântico Norte, a cerca de 1.500 Km da costa ocidental do continente europeu e a, aproximadamente, 3.900 Km do ponto mais próximo das costas da América do Norte.

É constituído por nove ilhas e alguns ilhéus, todos de origem vulcânica que, sob o ponto de vista geográfico e atendendo à sua proximidade relativa, estão distribuídas por três grupos: o grupo Oriental, com as ilhas de Santa Maria e São Miguel; o grupo Central, reunindo as ilhas Terceira, São Jorge, Faial e Pico; e o grupo Ocidental, que engloba as ilhas Flores e Corvo.

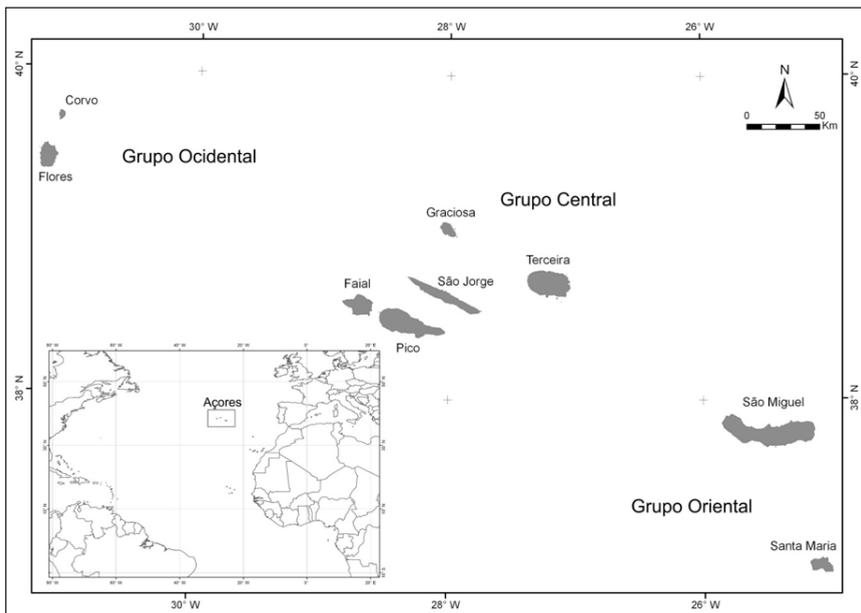


Fig. 1. Enquadramento geográfico do arquipélago dos Açores

O Arquipélago ocupa uma zona económica exclusiva (ZEE) de cerca de um milhão de Km².

A ilha do Pico está localizada entre longitudes 28 01'40,5 e 28 32'34,3" Oeste e as latitudes 38 22'55,4" e 38 33'40,5' Norte. Em extensão, é a segunda maior ilha dos Açores, com 42 Km de comprimento e 15,2 Km de largura, correspondendo a uma área de 447 Km². Ainda digno de realce, é o facto de nesta ilha se situar o ponto mais alto de Portugal: a montanha do Pico, com a altitude de 2.351 m.

São 3 os concelhos existentes na ilha do Pico. O concelho das Lajes do Pico, criado em 1540, o concelho de S. Roque do Pico em 1542 e, por último, em 1723, o concelho da Madalena.

De acordo com os Censos de 2011, a população ronda os 14.150 habitantes.

A presença de atividade vitivinícola na ilha do Pico, teve o seu início com a chegada dos povoadores à ilha no século XV. Desde essa altura que o homem do Pico, iniciou a tarefa hercúlea de plantar vinha num solo rochoso e aparentemente improdutivo, bem como a construção de um reticulado de muros, que se estendeu praticamente a toda a ilha, com o objetivo de proteger a vinha do vento e do rossio. Construiu-se assim ao longo dos séculos uma paisagem única, com reflexos indeléveis na socioeconomia da ilha do Pico.



Fig. 2. Lajido da Criação Velha

Ciente da sua importância, o Governo Regional dos Açores, propôs a classificação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico como área protegida, vindo a ser classificada em 1996, através do decreto legislativo regional n.º 12/96/A, de 27 de junho, como «Paisagem Protegida de Interesse Regional da Cultura da Vinha da Ilha do Pico (PPIRCVIP)», por forma a salvaguardar os valores naturais, paisagísticos e culturais aí existentes, bem como, promover o desenvolvimento sustentado da zona e a qualidade de vida das populações.

Posteriormente, a valia paisagística e histórico-cultural do património natural e edificado desta Paisagem, aliada ao seu carácter único e universal, originou a candidatura das suas áreas mais significativas e bem preservadas ao Comité do Património Mundial da UNESCO, tendo resultado

na inscrição da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, em julho de 2004, na lista de bens Património Mundial da UNESCO, como Paisagem Cultural, cumprindo com os critérios (iii) e (v).

Em 2004, aquando do processo de candidatura da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico a Património Mundial da UNESCO, foram aprovados (e posteriormente alterados) três diplomas relativos à concessão de apoios financeiros que visam a salvaguarda da paisagem cultural com o desenvolvimento do sector vitivinicultura:

Decreto Regulamentar Regional n.º 23/2004/A, de 1 de julho, alterado pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 7/2006/A de 9 de fevereiro e republicado pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 6/2008/A, de 28 de março: estabelece o regime de apoios para a manutenção da paisagem tradicional da cultura da vinha em currais no interior da zona classificada e zona tampão; Decreto Regulamentar Regional n.º 12/2004/A, de 24 de abril, alterado pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 8/2006/A de 9 de fevereiro e republicado pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 5/2008/A, de 27 de março: estabelece o sistema de apoios para a reabilitação da paisagem tradicional da cultura da vinha em currais no interior da zona classificada e zona tampão; Decreto Regulamentar Regional n.º 11/2004/A, de 24 de abril, alterado pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 10/2006/A de 9 de fevereiro: estabelece o sistema de apoios a conceder aos núcleos do Cabrito, Arcos, Lajido, Cachorro, Cais do Mourato, Pocinho, Porto do Calhau, Fogos e Ana Clara e restante zona classificada. Os apoios destinam-se à reconstrução de imóveis ou à eliminação de dissonâncias ou anomalias arquitetónicas.

Estes diplomas, foram recentemente alterados, através do Decreto Regulamentar Regional n.º 24/2014/A, de 15 de dezembro, que aprova o sistema de incentivos à manutenção de paisagens tradicionais da cultura da vinha, em currais e em socalcos, e de pomares de espécies tradicionais, situadas em áreas de paisagem protegida e em fajãs costeiras, integradas nos parques naturais de ilha e em reservas da biosfera.



Fig. 3. Projeto de recuperação de vinha em «currais» ao abrigo dos apoios financeiros da Região

Através do Decreto Regulamentar Regional n.º 5/2005/A, são definidas as competências do Gabinete Técnico da Paisagem Protegida de Interesse Regional da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, um órgão técnico e administrativo de apoio à gestão deste bem.

Em 2006, e em cumprimento do disposto no n.º 1 do artigo 28º do Decreto-Lei n.º 19/93, de 23 de janeiro, adaptado à RAA pelo decreto legislativo regional n.º 21/96/A, de 23 de dezembro, que determinava que a paisagem protegida disponha obrigatoriamente de um plano de ordenamento e respetivo regulamento, O Plano de Ordenamento da Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, abreviadamente designado por POPPVIP, foi aprovado pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 24/2006/A, de 13 de julho, constituindo o primeiro, e único até à data, instrumento de gestão territorial desta natureza a ser aprovado na Região Autónoma dos Açores. O POPPVIP foi elaborado visando a salvaguarda dos valores ambientais, de paisagem, de conservação da biodiversidade e de fomento ao desenvolvimento sustentável da ilha do Pico, tendo como objetivos estratégicos a recuperação, reabilitação e conservação da paisagem da cultura tradicional da vinha do Pico em currais, a promoção do crescimento da atividade vitivinícola, o incentivo da complementaridade com o turismo e outras atividades económicas, e a promoção de uma gestão integrada da área de Paisagem Protegida.

Tendo em conta a evolução das condições económicas, sociais, culturais e ambientais subjacentes à elaboração do POPPVIP, a experiência obtida ao longo da sua vigência e as conclusões apresentadas no primeiro Relatório de Avaliação do Plano, efetuada em 2013, nomeadamente no que concerne ao regulamento e respetiva cartografia, concluiu-se pela necessidade da sua alteração, publicada através do Decreto Regulamentar Regional n.º 7/2014/A de 6 de maio, sem, contudo, interferir com os objetivos que presidiram à sua elaboração.

Com a criação do Parque Natural da Ilha do Pico, através do Decreto Legislativo Regional n.º 20/2008/A, de 9 de julho, a PPIRCVIP foi reclassificada, passando a integrar esta estrutura como Área de Paisagem Protegida da Cultura da Vinha (Zona Norte, Zona Oeste, São Mateus/São Caetano, Ponta do Mistério e Ponta da Ilha).

CARACTERIZAÇÃO

A paisagem da cultura da vinha da ilha do Pico - Património Mundial da UNESCO, ocupa uma área total de 987 ha, envolvida por uma zona tampão com 1.924 ha. É composta por uma faixa de território que abrange parcialmente as costas Norte e Sul, e a costa Oeste da ilha, tendo como referência emblemática dois sítios – o Lajido da Criação Velha e o Lajido de Santa Luzia, implantados em extensos campos de lava caracterizados por uma extrema riqueza e beleza natural e paisagística. Estes sítios foram classificados por constituírem excelentes representações da arquitetura tradicional ligada à cultura da vinha, do desenho da paisagem e dos elementos naturais. A diversidade faunística e florística aí presentes estão associadas a uma abundância de espécies e comunidades endémicas, raras e com estatuto de proteção.

Este bem consiste numa espantosa rede de longos muros de pedra, espaçados entre si, que correm paralelos à costa e penetram em direção ao interior da ilha. Estes muros foram erguidos para proteger

do vento e da água do mar as videiras, que são plantadas em milhares de pequenos recintos retangulares (currais), colados uns aos outros. Remontando ao século XV, a presença da viticultura manifestou-se através desta extraordinária manta de retalhos de pequenos campos, de casas e quintas do início do século XIX, de ermida, portinhos e poços de maré. A paisagem modelada pelo homem, de uma beleza extraordinária, é o melhor testemunho que subsiste de uma atividade outrora muito ativa.



Fig. 4. Campos de lava

Toda a ilha do Pico está repleta de muros, de diversas dimensões e tipologias, até à sua própria aplicação na arquitetura tradicional, embora a sua funcionalidade e expressão esteja enfatizada na Paisagem da Cultura da Vinha do Pico, ou não fossem os muros – a sua quantidade, morfologia, organização e alinhamentos – o elemento mais emblemático e marcante desta paisagem, não apenas por si só – pois são simples muros compostos por pedras toscas –, mas também pela impressionante quantidade de trabalho, esforço e suor que facilmente se entende e imagina, a partir de homens que tiveram nestes muros o seu garante de sobrevivência.

A vegetação espontânea que ao longo das décadas se apoderou das vinhas, esconde e mantém intatos o vasto rendilhado de muros ancestrais.

O cultivo da vinha nesta ilha, de acordo com o método original implementado, implicava plantar os bacelos nas fendas e buracos dos campos de lava, e arrumar a pedra espalhada pelo solo. Com inteligência e arte, o picaroto rapidamente percebeu que o excedente de pedra seria um elemento fundamental que iria garantir que as videiras vingassem neste ambiente rochoso e fustigado pelos ventos fortes e pelo rossio do mar: bastaria para isso construir muros, organizando e amontoando as pedras soltas, limpando o solo, e organizando as grandes propriedades segundo espaços que protegiam as plantas, e criavam um ambiente favorável ao desenvolvimento de uvas de qualidade.

ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS

Os aglomerados rurais

Nas zonas costeiras da Ilha, ao mesmo tempo que se foi desenvolvendo a vitivinicultura, surgiram pequenos aglomerados de adegas, relativamente distantes e independentes dos aglomerados principais que se localizam mais longe da costa e junto dos campos aráveis. Estas zonas serviam de habitação sazonal durante a época do ano em que era mais intensa a laboração na vinha, ou seja, na altura das vindimas.

Descrevendo estes aglomerados de uma forma geral, pode-se verificar a sua implantação ao longo dos caminhos costeiros e canadas mais significativas, sendo os primeiros paralelos e as segundas perpendiculares à linha de costa, respeitando a topografia do terreno, terreno este que nestes casos é formado por vastos campos de lava.

Nestes aglomerados, envolvidos por vastos currais de vinha e figueiras e com uma imagem muito rural, existe um número considerável de adegas, alambiques e armazéns, algumas casas solarengas, e uma ermida, que apesar de nunca ser um edifício de grandes dimensões acaba por localizar-se numa zona relativamente central do aglomerado, tendo um papel marcante pela sua importância religiosa. Pontualmente, ao longo destes aglomerados, encontramos poços de maré que eram a fonte de fornecimento de água, bem este tão escasso na ilha à época da sua construção.

Outro dos pontos importantes destes aglomerados é a existência de pequenos portos e embarcadouros, essenciais na época em que a circulação terrestre era mais difícil do que por mar, devido à dureza e por vezes inexistência de estradas e caminhos.

Portos e ancoradouros

É pelo mar, que se dá a conhecer o vinho do Pico, seja a uma escala regional, nacional ou internacional, tendo como testemunhos os inúmeros ancoradouros/portos na Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico.

O mar constitui-se como um instrumento multifacetado, já que por um lado surge como uma barreira que reduz a ação do indivíduo ao seu espaço físico à ilha e, por outro, é a via pela qual permite a exteriorização da mesma.

Atendendo a que a ilha do Pico era agreste e acidentada tornava difícil a comunicação interna e com o exterior. Na ausência de uma enseada segura na ilha foram utilizados os múltiplos ancoradouros e calhetas que existiam na ilha. Todavia, «os ancoradouros que servem todo o ano (...) são pequenos e apenas para barcos de pequena tonelagem. Por conseguinte, o Pico encontra-se numa posição de isolamento sazonal, que o obriga à preferencial utilização, pela proximidade geográfica, da enseada faialense»¹.

¹ COSTA, 1997.

As adegas, alambiques e armazéns

A imagem dos aglomerados costeiros é fortemente marcada por uma concentração de edifícios de pedra negra, de relativamente pequena dimensão que surgem do meio dos lajidos e campos de currais de vinha.

Materialmente, este tipo de edificado é composto por paredes de alvenaria seca de basalto e a sua cobertura tem estrutura de madeira coberta com telhas de canudo em barro. Em termos de volumetria, é dominante a planta retangular com um ou dois pisos, consoante a tipologia do edifício.

Na sua maioria, tratam-se de *adegas*, edifícios que servem de adega, lagar, e simultaneamente de habitação sazonal durante o Verão, podendo ser compostas por um ou dois pisos. Nos casos em que a adega é simultaneamente habitação, a parte habitável é no piso superior, ficando a zona de lagar e adega implantada no rés-do-chão.

Os alambiques são assim chamados porque são edifícios que albergam alambiques no seu interior, ou seja, destilarias. Geralmente, os alambiques podem ser edifícios autónomos com um só piso ou podem possuir anexos, tais como poços de maré e cisternas para fornecimento de água necessária para o seu funcionamento, e armazéns que contêm barricas e balseiros onde se armazenam as frutas em fermentação para depois serem *queimadas*.

Os armazéns são muito semelhantes aos edifícios já descritos, diferindo apenas na sua volumetria: são edifícios mais compridos e têm poucas aberturas.

As casas solarengas

Na área proposta as construções naturalmente relacionam-se com a atividade vinhateira, sendo possível encontrar edificações que se sobressaem na paisagem, pela sua dimensão e pelo seu enquadramento paisagístico – as casa solarengas – (...) a descoberta das potencialidades que o solo de lava oferecia para o cultivo dos bacelos, veio dar origem a uma atividade económica notável cujo período áureo terá ido desde os princípios do século XVIII, a meados do século XIX, (...) riqueza e dinâmica desenvolvida neste período pelas famílias fidalgas faialenses, (...) neste contexto de grande proprietário, semi-absentista, que só na época de veraneio visita as suas propriedades e, por intermédio de um encarregado, o feitor, as explora (...)².

² Inventário do Património Imóvel dos Açores – Madalena Pico, 2001.



Fig. 5. Casa Solarenga «Solar dos Salemas»

Podemos destacar características comuns às casas solarengas, são construídas normalmente em extensas propriedades vitivinícolas, de chão de lajido, junto ao litoral, possuem pátio/terreiro tendo poço de maré, sendo a sua localização anterior ou posterior ao corpo principal, têm um muro alto e largo que delimita o pátio/terreiro e gozam de um território visual organizado para a cultura da vinha.

Refira-se, ainda, que as casas solarengas implantadas em propriedades de vinha, normalmente dispõem de outras construções, que são de apoio à atividade vitivinícola, nomeadamente o alambique e o armazém. Assim, a volumetria do edificado caracteriza-se por:

- Um edifício principal, destinado à habitação de veraneio, constituído por 2 pisos, sendo o 1º dirigido à atividade vitícola e o 2º à habitação. Sendo a planta em L remete para um 2º edifício onde ficaria localizada a cozinha, forno e copa. Algumas destas casas teriam capela. O acesso é feito por uma escadaria em basalto, colocada num dos topos do edifício principal, coberto por alpendre;
- Edifícios de 1 piso, destinado ao apoio da atividade vitivinícola: adegas, lagares e alambiques. Normalmente, possuem um poço de maré ou cisterna, jardim e árvores.

O religioso

A religiosidade, elemento fundamental da vivência do povo açoriano, está patente na enorme quantidade de monumentos religiosos existentes um pouco por toda a ilha. A área em apreço não é exceção, sendo frequentes os oratórios, ermidas, onde podem ser encontrados trabalhos de alvenaria de grande beleza, talhados em rocha basáltica.

As casas de abrigo

Nas zonas de vinha, a pedra solta, foi arrumada na construção dos muros, e utilizada na construção de *abrigos*, tendo como principal função servir de abrigo ao viticultor e aos instrumentos de trabalho.

O abrigo é construído em pedra seca num curral, de meia água, com porta de entrada, estando normalmente associada uma cisterna.

Quanto à técnica construtiva, consiste na «seleção e recolha, no próprio local, de elementos pétreos, com dimensões manuseáveis, e na sua utilização seletiva, sem prévia transformação, não se recorrendo a argamassas nem de incorporando outros materiais»³.

Os poços de maré

Devido à escassez de água, o Picoense sentiu necessidade de escavar a rocha em busca deste precioso bem, dando origem ao poço de maré.

O poço, de secção quadrangular ou aproximadamente circular, é escavado na rocha (...) procurando captar os veios de água que correm em galerias subterrâneas com pendente para o mar (...). Devido à proximidade do mar, a água acumulada ressent-se da influência das marés e apresenta, por vezes, um grau de salinidade apreciável⁴.

Na área da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico são variadíssimos e, em número elevado, os poços de maré, que não só forneciam água para as tarefas domésticas como também para o funcionamento dos alambiques.

As rilheiras

Rilheiras constituem marcas da passagem intensa dos rodados de carros de boi sobre as lajes de lava, único transporte de então, para os produtos agrícolas. Na área da Paisagem da Cultura da Vinha do Pico, encontram-se extensas rilheiras, estando algumas situadas na orla costeira, fruto do transporte até aos rola-pipas e pequenas enseadas dos produtos a exportar, nomeadamente as pipas de vinho.

Os rola-pipas

Rola-pipas são rampas talhadas, na pedra áspera para facilitar o transporte das pipas do caminho até ao porto, testemunhando de forma exuberante a atividade vinícola.

Os muros negros

Toda a Paisagem da Cultura da Vinha é marcada por reticulados de muros negros, construídos a partir de pedra seca solta.

³ MARTINS, 2001.

⁴ Arquitetura Popular dos Açores, 2000.

Na impossibilidade de aproveitar este território para o cultivo de cereais, o homem, dedica-se a arrumação da pedra, construindo os currais, que terão a função de proteger as videiras do rossio do mar. A retícula dos muros é constituída por:

- Vinha murada com paredes dobradas com altura de cerca de 2 m para vedação do prédio. Portão de entrada.
- A vinha é dividida em *jeirões*, através de paredes também dobradas com altura não inferior a 1 m, e portais intermédios. Os *jeirões* são subdivididos em canadas. As canadas são muros paralelos de paredes singelas com altura inferior a 1 m. As canadas subdividem-se em currais, pela construção dos *traveses*, que são paredes singelas ou dobradas, dependendo da quantidade de pedra que é necessário retirar ao solo. Os currais têm áreas compreendidas entre os 9 e 12 m², tendo plantadas uma média de 3 pés de vinha.

Os *traveses* deixam sempre uma passagem em relação às paredes das canadas, havendo situações em que, se colocam de forma a desconectar as passagens, evitando assim o encanamento do vento⁵.



Fig. 6. Reticulado de muros negros «currais» de vinha

Gestão do Bem

Aquando da classificação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, como Património Mundial da UNESCO, em 2004, esta paisagem apresentava graves indícios de abandono. A área de produção vinha a diminuir ano após ano, os produtores de uma forma geral possuíam uma idade avançada e não era apetecível esta atividade.

Então e na sequência da candidatura a Património Mundial, o Governo dos Açores lançou, em 2004, os primeiros sistemas de incentivo à reabilitação e à manutenção da paisagem tradicional

⁵ VELOSO, 1998.

da cultura da vinha em currais, abrangendo, inicialmente, apenas as áreas candidatas a Património Mundial que foram alargadas, em 2008, às áreas situadas na respetiva zona tampão.

Desde a criação dos incentivos, até ao final de 2014 foram aprovadas 123 candidaturas de reabilitação a que corresponde uma área de cerca de 120 hectares de vinha e um apoio financeiro global na ordem dos 2,4 milhões de euros, exclusivamente suportado pelo Orçamento Regional.

No período entre 2014-2017, receberam parecer favorável do Gabinete Técnico, novas 266 candidaturas de reconversão e reestruturação de vinha em currais (VITIS) localizadas em Áreas de Paisagem Protegida da Cultura da Vinha do Pico, correspondendo a cerca de 620 hectares de vinha.

Em simultâneo, até 2017 foi contratada a manutenção de cerca de 245 hectares de vinha, abrangendo mais de duas centenas e meia de beneficiários, a quem foram atribuídos globais de mais de 3,5 milhões de euros.

Se considerarmos os projetos de reabilitação em curso, está assegurada a manutenção, a médio prazo, de uma área superior a 900 hectares de vinha em produção, o que representa a consolidação de uma paisagem vitícola viva, com características únicas e uma crescente relevância económica e social.

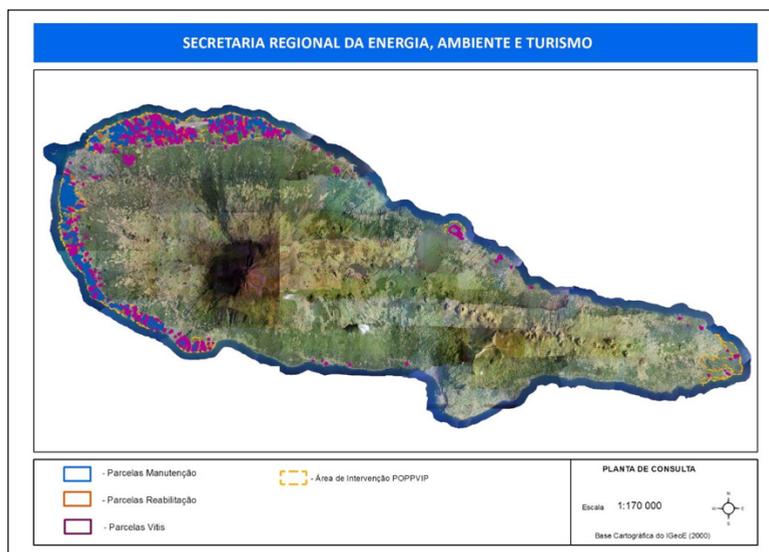


Fig. 7. Área de vinha em produção e em fase de reabilitação

O Plano de Ordenamento da Paisagem Protegida da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, aprovado em 2006, revelou-se determinante na preservação dos valores culturais e ambientais em presença, designadamente na manutenção de características arquitetónicas tradicionais e evitando uma pressão excessiva sobre o território, contribuindo para uma adequada reabilitação da paisagem.

No último ano, o Governo dos Açores promoveu a avaliação e alteração do plano de ordenamento, reforçando os objetivos que presidiram à sua elaboração mas adequando-o às atuais condições económicas, sociais, culturais e ambientais.

Aspetos como o património edificado, as atividades vitivinícolas, a biodiversidade e a geodiversidade da ilha do Pico permitem o crescimento dos tradicionais setores de atividade já instalados e representam novas oportunidades de negócio, nomeadamente associados ao enoturismo.

Tendo como objetivo disponibilizar um serviço de informação e sensibilização, o Governo dos Açores, inaugurou o Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, 29 de junho de 2010, tendo o mesmo sido posteriormente requalificado em maio de 2016.

A Visita ao Centro, possibilita ainda a realização de uma visita guiada no exterior aos *currais* de vinha e de figueira, ao interior de um Armazém e de um Alambique tradicionais ainda em funcionamento, bem como percorrer todo o núcleo do Lajido, e assim compreender como este edificado está intimamente associado à cultura da vinha e da figueira. Já visitaram este Centro até ao final de 2017, cerca de 33.000 visitantes.



Fig. 8. Sede do Parque Natural do Pico/Gabinete Técnico da Paisagem da Cultura da Vinha do Pico

No Lajido de Santa Luzia, foi ainda levado a cabo um processo de eletrificação subterrânea deste núcleo emblemático, num investimento na ordem dos 800.000 Euros, que permitiu que todas as infraestruturas elétricas e de telecomunicações ficassem enterradas, permitindo assim uma valorização paisagística do núcleo.

Foram criados e homologados, 3 trilhos pedestres (Caminhos de Santa Luzia – PR1PIC, Vinhas da Criação Velha – PR5PIC, e Santana – Lajido – PR10PIC) de forma a que os visitantes possam percorrer caminhos antigos ao longo do rendilhado de *currais* de vinha e de *rilheiras*, descobrindo assim os elementos únicos e característicos desta paisagem. É com júbilo que se refere que a *BootsnALL* editora de guias de viagem independentes, considerou o percurso pedestre das Vinhas da Criação Velha, um dos oito trilhos únicos do Mundo.



Fig. 9. Trilho pedestre na Paisagem da Cultura da Vinha do Pico

Foi desenvolvida uma aplicação para *smartphones*, que pretende apresentar de uma forma inovadora a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico e o seu Parque Natural, complementando assim a experiência do visitante com informação adequada. Através desta aplicação, disponível para as plataformas *Android* e *iPhone*, estará disponível a informação oficial e atualizada sobre a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, incluindo, entre outros, as áreas protegidas do Parque Natural do Pico, os trilhos pedestres e os centros de interpretação para cada local estão disponíveis fotos ilustrativas. Permite ainda indicar as direções para chegar da melhor forma até aos principais pontos de interesse da ilha.

Em toda a área da Paisagem, foi colocada sinalética com indicações dos locais mais emblemáticos, bem como painéis informativos e interpretativos, de forma a que quem visita esta Paisagem, possa identificar e aprender os aspetos características destes locais.

Com o objetivo de armazenar e disponibilizar informação relativa aos processos inseridos na área de intervenção do Plano de Ordenamento da Paisagem Protegida de Interesse Regional da Cultura da Vinha da Ilha do Pico e que constam do arquivo físico e digital da Direção Regional do Ambiente, foi desenvolvida a Base de Dados Georreferenciada para a Vinha da Ilha do Pico.

Através do Parque Natural do Pico, foram desenvolvidos vários programas destinados às comunidades locais, de forma a que estas possam conhecer melhor esta Paisagem. Destes Programas destaca-se o Programa Parque Escola, onde se oferecem atividades educativas para todos os níveis de ensino das Escolas da Ilha e o Programa Parque Aberto, que dinamiza um conjunto de eventos, como tertúlias, passeios, *workshops*, visitas, entre outros, destinados à população da ilha.

A Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, integra a *Rede Património Mundial de Portugal*, criada a 18 de julho de 2014 e conjuntamente com as 12 Regiões Vinhateiras, classificadas como

Património Mundial, participou no Programa INTERREG IV C Vitour Landscape, continuando a trabalhar em rede com estas Regiões.

Hoje, passados 13 anos desta classificação, conseguiu-se inverter a tendência do abandono da Paisagem, vemos cada vez mais jovens a iniciar a sua atividade como produtores, com projetos consistentes e com maiores áreas, o que leva à diversidade e aumento da qualidade dos vinhos do Pico. Com o Plano de Ordenamento para além de manter a Paisagem em bom estado de conservação, conseguiu-se torna-la também numa oportunidade de negócio.

Tudo isto leva-nos a afirmar que a Paisagem se encontra viva, funcionando como polo dinamizador da economia local, sendo motivo de orgulho dos Picoenses e Açorianos.